

CAPÍTULO 10

GÊNERO E SEXUALIDADE NAS TÉCNICAS EM USO NA HISTÓRIA: O CASO REVISTA LAMPIÃO DA ESQUINA (1978 – 1981) NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.3461524101210>

Data de aceite: 06/01/2025

Karen Greco Soares

Doutoranda em Tecnologia e Sociedade pelo PPGTE – UTFPR. Mestra em Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Lindamir Salete Casagrande

Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Docente do PPGTE - UTFPR

os avanços, muitos desafios permanecem no reconhecimento e valorização das experiências LGBTQIAP+, tornando o resgate histórico uma ferramenta essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidade; LGBTQIAP+; Ditadura Militar; História Das Técnicas.

INTRODUÇÃO

A História das Técnicas e suas relações com o Gênero e Sexualidade

A História, enquanto área do saber, oferece diversos recursos para a compreensão de determinados tempos e são fundamentais para compreender muitos dos motivos pelos quais *somos* o que *somos*. A História das Técnicas trata do estudo dos processos de criação, desenvolvimento e aplicação de ferramentas, métodos e conhecimentos utilizados pelas sociedades ao longo do tempo para transformar o ambiente e atender às suas necessidades.

RESUMO: Este artigo explora a revista Lampião da Esquina e seu papel como uma técnica em uso na história LGBTQIAP+ brasileira, durante o período da ditadura civil-militar (1978-1981). A publicação funcionou como um espaço de resistência, abordando temas censurados e marginalizados, como gênero e sexualidade, utilizando uma linguagem crítica e provocativa para enfrentar a repressão política e social da época. Além de resgatar memórias e vivências LGBTQIAP+, Lampião da Esquina contribuiu para a formação de uma identidade coletiva, promovendo uma reflexão sobre os direitos e a inclusão dessa comunidade em contextos ainda marcados por preconceitos. Mesmo com

Esse campo abrange desde as primeiras invenções humanas, como o domínio do fogo e a fabricação de instrumentos de pedra, até as tecnologias contemporâneas mais avançadas, explorando os contextos culturais, econômicos e sociais em que essas técnicas surgiram e evoluíram. A análise da história das técnicas permite compreender não apenas os avanços práticos e materiais, mas também as relações simbólicas e de poder envolvidas em sua produção e disseminação. Além disso, essa história evidencia como as técnicas não são neutras, mas influenciam e são moldadas pelos valores, pelas práticas e pelos desafios de cada época, desempenhando papel central na construção das formas de organização social, no desenvolvimento de conhecimentos e nas mudanças estruturais que definem as trajetórias humanas.

Nesse sentido, é necessário destacar, seguindo a linha de argumentação de David Edgerton (1999, p. 2), que é um equívoco comum confundir a história das técnicas como tão somente a história das inovações tecnológicas. Ou seja, que este campo do saber se destina limitadamente ao foco de “resumir” as principais inovações que a sociedade produziu na história. Para ele “esta confusión continua con consecuencias serias para los conocimientos históricos” (EDGERTON, 1999, p. 23).

Nesse sentido, compartilha-se do alerta que “la historiografía de la técnica que se ha producido en el mundo anglosajón se preocupa de la innovación, pero confunde la historia de la innovación con la historia de las técnicas” (EDGERTON, 1999, p. 2) e também destaca-se que é fundamental que se explore a historiografia das técnicas a partir de outros saberes, que não somente os com o fim “utilitário” do “avanço tecnológico”. E que sim, que a própria História, enquanto conhecimento científico, pode dar conta de compreender as técnicas em uso em determinados períodos na sociedade para além do considerado hegemônico, masculino, branco e heterocentrado tradicional.

A história das técnicas, ao considerar as relações com gênero e sexualidade, revela como a produção e o uso de ferramentas, métodos e conhecimentos técnicos foram moldados por normas e hierarquias sociais que definem os papéis de gênero e as expectativas sobre corpos e comportamentos. Muitas vezes, técnicas foram atribuídas a um gênero específico, como as atividades relacionadas ao cuidado e ao ambiente doméstico, tradicionalmente associadas às mulheres, ou os trabalhos industriais e de engenharia, frequentemente vinculados aos homens, reforçando divisões de trabalho baseadas em estereótipos de gênero.

Além disso, a própria concepção e design de tecnologias podem refletir e perpetuar essas desigualdades, ao negligenciar as necessidades e experiências de mulheres e pessoas LGBTQIA+. Para isso, é necessário um esforço e olhar profundo para as produções, usos e apropriações de técnicas destes segmentos historicamente inviabilizados, como populações negras, mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

A análise histórica das técnicas, sob a perspectiva de gênero e sexualidade, também destaca como as técnicas foram utilizadas para regulamentar ou desafiar normas sexuais e de gênero, como no caso das tecnologias reprodutivas ou das ferramentas de comunicação que possibilitaram a articulação de movimentos sociais. Dessa forma, a história das técnicas oferece um campo fértil para compreender como as interseções entre tecnologia, gênero e sexualidade moldaram e continuam a moldar as dinâmicas sociais.

No tocante às populações LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Agêneros, Pansexuais, etc.), fato é que há uma complexa relação entre a história das técnicas, uma vez que a esmagadora maioria das técnicas e tecnologias produzidas pela humanidade desempenharam ao longo da história papéis variados na sua contenção, regulação e invisibilidade destes grupos.

Michel Foucault, em História da Sexualidade - A Vontade do Saber (2015), explica que a sexualidade não é uma característica inerente, imutável, estática e tampouco somente *biológica* do ser humano, mas sim uma construção social marcada na e pela história por relações de poder que se tecem através dos discursos. Da mesma, forma gênero pode ser visto como uma categoria de análise histórica (SCOTT, 2017) que constrói também a sexualidade. Destaca-se, portanto, que apesar do caráter móvel dos discursos sobre a sexualidade, as noções de repressão, patologização, medicalização, pecado e entre tantos outros adjetivos, continuam sendo seus principais baluartes conceituais, especialmente para as sexualidades consideradas *desviantes* - fora do espectro heterossexual.

Assim, a invisibilização, silenciamento, apagamento, preconceito e exclusão são algumas das tóricas da população LGBTQIAP+ na História. Concordando, portanto, com Foucault (2013), entende-se que “o campo de memória da história natural, desde Tournefort, aparece como singularmente estreito e pobre em suas formas, quando o comparamos ao campo de memória, tão amplo, tão cumulativo, tão bem especificado, da biologia, a partir do século XIX” (FOUCAULT, 1987, p. 65).

Com esse objetivo tenho me debruçado na elaboração de um estudo da memória das populações LGBTQIAP+ e suas técnicas em uso no que foi o período da história do Brasil da ditadura civil-militar (1964 - 1985). Especialmente, no que representou a revista Lampião da Esquina, considerado o primeiro periódico a falar abertamente sobre a temática gay no Brasil.

Neste artigo, argumenta-se a relevância histórica da revista Lampião da Esquina como uma técnica em uso para a memória LGBTQIAP+ brasileira.

LAMPIÃO DA ESQUINA E UM RESGATE DA MEMÓRIA LGBTQIA+ NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

A ditadura civil-militar no Brasil durou de 1 de abril de 1964 a 15 de março de 1985 e foi, de maneira geral, um período marcado por complexos mecanismos de repressão, quando da ascensão do regime autoritário ao governo brasileiro por líderes militares, após um golpe de Estado que derrubou o presidente democraticamente eleito, João Goulart.

Capitaneados por atos institucionais (AIs) que lançavam controles e regulações à população, o período representou “o fim das liberdades democráticas, a repressão e o terror como política de Estado” (PRIORI et al, 2012, p. 199).

Neste contexto, conforme o período totalitário se aprofundava, segundo Kucinski (1991, p. 05) “(...) nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou “imprensa nanica”. A imprensa nanica foi um conjunto de veículos de comunicação alternativos que surgiu no Brasil durante a ditadura civil-militar (1964-1985), como uma forma de resistência às restrições à liberdade de expressão e à censura impostas pelo regime. Caracterizada por tiragens reduzidas e recursos limitados, essa imprensa era composta por jornais, revistas e boletins independentes, que circulavam principalmente em círculos intelectuais, movimentos sociais e grupos opositores ao regime.

Com linguagem crítica, criativa e muitas vezes irônica, esses veículos denunciavam violações de direitos humanos, corrupção, desigualdades sociais e a repressão estatal, oferecendo uma contraposição às narrativas oficiais veiculadas pela grande mídia, que, em muitos casos, era controlada ou alinhada ao governo. Exemplos notórios dessa imprensa incluem publicações como O Pasquim, que usava o humor como ferramenta de crítica, e outros periódicos que atuavam em defesa de pautas específicas, como os direitos trabalhistas e as liberdades democráticas. A imprensa nanica desempenhou um papel importante na disseminação de ideias contrárias ao regime, contribuindo para a construção de um imaginário de resistência que, mais tarde, influenciaria o processo de redemocratização no país.

A imprensa nanica forjou naquela época um verdadeiro deslocamento de sentidos discursivos para camadas da população consideradas inqualificáveis e que nem mesmo tinham *status* de cidadã para o Estado. Em se tratando de gênero e sexualidade, através da imprensa alternativa, houve a “produção de um discurso politizador acerca das questões referentes à sexualidade, especialmente aos homossexuais, garantindo os direitos a um grupo até então reprimido e “invisível” para o Estado” (GARCIA e SCHULTZ, 2011, p. 5).

Dentre periódicos que compunham a imprensa alternativa do período da ditadura destacam-se: O Pasquim (RJ), Opinião (RJ), Movimento (SP), Lampião da Esquina (RJ), Em Tempo (SP), Brasil Mulher (SP), Beijo (RJ), Ex (SP), Versus (SP) assim como muitos outros.

A imprensa nanica pode ser entendida como uma técnica em uso na história da memória brasileira ao atuar como uma ferramenta de registro e resistência que preserva narrativas e experiências de grupos marginalizados ou silenciados durante períodos de repressão, como a ditadura civil-militar. Esses veículos alternativos desempenharam o papel de registrar fatos, denúncias e reflexões que não encontravam espaço na grande mídia, muitas vezes censurada ou alinhada ao regime. Ao documentar as vozes dissidentes, os debates intelectuais e os movimentos sociais, a imprensa nanica contribuiu para a construção de uma memória coletiva que questiona as versões oficiais da história.

Além disso, a circulação desses periódicos, mesmo em condições adversas, ilustra o uso de técnicas de comunicação, como a distribuição clandestina e a adoção de linguagens criativas, que garantiram a preservação de ideias e valores fundamentais para a luta por democracia e justiça social. Dessa forma, a imprensa nanica não apenas resgata memórias apagadas, mas também se configura como um instrumento ativo na formação da identidade histórica e cultural do Brasil.

Lampião da Esquina, alvo deste estudo, surgiu neste bojo de publicações da imprensa nanica no final de 1977, quando um grupo se reuniu no Rio de Janeiro para dar início à uma linha editorial com o foco nas temáticas de sexualidades periféricas não heterossexuais. Este periódico, surgido em 1978, trouxe pela primeira vez documentalmente no Brasil uma publicação voltada aos anseios, especificidades e práticas de pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais no Brasil do período.

A revista *Lampião da Esquina* foi uma publicação alternativa e pioneira no Brasil, criada em 1978 durante os últimos anos da ditadura civil-militar, e tornou-se um marco na defesa dos direitos da população LGBTQIA+ e na promoção de debates sobre sexualidade, política e cultura. Idealizada por intelectuais, jornalistas e artistas, como João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva, a revista abordava temas tabus com ousadia e criatividade, desafiando a censura e os preconceitos da época.

Voltada não apenas ao público homossexual, mas também a aliados e leitores interessados em questões de direitos humanos, *Lampião da Esquina* explorava as interseções entre sexualidade, política e as opressões de gênero, frequentemente denunciando a violência, o preconceito e a hipocrisia social. Com tiragem nacional, seu conteúdo misturava humor, crônicas, reportagens e entrevistas, buscando provocar reflexões e amplificar vozes silenciadas. Apesar de ter durado apenas até 1981, a revista deixou um legado significativo na luta pelos direitos LGBTQIA+ e na história da imprensa alternativa brasileira, representando uma importante resistência cultural em um período de repressão política.

Segundo um dos criadores do jornal, Aguinaldo Silva, em entrevista à revista *Isto É*, de 28 de dezembro de 1977, o nome “lampião” surgiu com o objetivo de confundir o leitor ao seu real objetivo:

[...] o que me agrada é Lampião. [...] um jornal de bicha com nome de cangaceiro? Segundo, pela ideia de luz, caminho, etc. [...] Lampião um personagem até hoje não suficientemente explicado: [...] não saiu das sombras (Apud SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 83).

Nesse sentido, seu objetivo era ser um jornal que “se propunha a ‘sair do gueto’ e ser um veículo pluralista aberto aos diferentes pontos de vista sobre diferentes questões minoritárias” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 86).

Lampião da Esquina “pautava sua discussão na transformação do olhar que o próprio homossexual lançava sobre si mesmo e nas mudanças do imaginário social homofóbico” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 86). Em tempos de ditadura, o periódico foi um ponto de disruptura, de contrahegemonia e que determinou uma importante parte da história do Brasil: a da memória LGBTQIA+.

A revista *Lampião da Esquina* pode ser considerada uma técnica em uso na história LGBTQIAP+ brasileira por seu papel estratégico na articulação, visibilidade e preservação da memória e das lutas dessa comunidade durante um período de repressão política e social. Ao utilizar a imprensa como meio de resistência, *Lampião da Esquina* empregou técnicas de jornalismo alternativo e linguagem provocativa para expor questões antes silenciadas, como a violência contra pessoas LGBTQIAP+, os preconceitos enraizados na sociedade e as contradições das normas de gênero e sexualidade.

Sua abordagem criativa e crítica transformou a revista em um espaço de registro e disseminação de vivências, debates e reivindicações, ampliando o alcance dessas pautas e estimulando o engajamento coletivo. Além disso, ao conectar diversas vozes em um mesmo veículo, a revista funcionou como uma ferramenta de construção identitária, fortalecendo a autoafirmação e a luta por direitos em uma época marcada por exclusões e invisibilidades. Dessa forma, *Lampião da Esquina* transcendeu seu papel como publicação, tornando-se um instrumento histórico que registrou e impulsionou a trajetória da comunidade LGBTQIAP+ no Brasil.

Na sua edição de lançamento, zero, o jornal demonstra seu objetivo em suas primeiras linhas:

LAMPIÃO deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor - que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978).

Com esse claro objetivo, chama a atenção a reportagem de destaque: “*Celso Curi processado. Mas qual é o crime desse rapaz?*”. A reportagem questiona a demissão e processo que sofreu o jornalista gay Celso Curi, por ter criado uma coluna em um jornal paulista sobre a temática homossexual à época.



Figura 1 - Capa da edição de lançamento de Lampião da Esquina.

Fonte: Lampião da Esquina – Abr/1981.

Ora, sendo a revista Lampião da Esquina um periódico criado por um segmento de pessoas LGBTQIAP+ e estando dentro de um guarda-chuva de diversos outros periódicos que compunham a imprensa nanica, entende-se que Lampião fez parte de um conjunto de técnicas em uso (neste caso de informação e circulação de conhecimento) para resistência, em primeiro lugar, ao período da ditadura, e em segundo, de uma estratégia de visibilidade e representatividade de populações dissidentes no período.

Exemplo disso é denúncia que faz a matéria supracitada: Celso Cúri, na verdade, não havia sido demitido por corte de custos financeiros, mas sim, porque ele respondia a um processo jurídico de censura e por esse motivo foi afastado do jornal. Segundo o relatado na matéria, o Ministério Público, logo no terceiro dia de circulação da coluna, “apresentava denúncia contra o autor” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978).

Além da reportagem, suas edições ao longo dos anos da ditadura registraram relatos importantes sobre como o trabalho de pessoas LGBTQIAP+ era experenciado no período:

Trabalho comercialmente, lido com muitas pessoas, a princípio eles ficam meio sem jeito, mas depois se acostumam, mas nunca dão-me o respeito, o valor, e a consideração que quero, todos querem saber se sou homem ou mulher, enfim eu não ligo, mas sinto-me infeliz LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 7)

E mais:

A cana vem sempre, às vezes preta e branca, às vezes preta e vermelha. Levam pra delegacia, pra 42, soltam de manhã. Se não arranjar emprego, então fica na cadeia. Ah, meu amor, só peguei cana um mês; porque não trago documento na bolsa, então é vadiagem. A gente corre perigo na esquina... (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 7).

Reforça-se que, conforme aponta Edgerton (1999, p. 2) “estudiar las relaciones entre técnica y sociedad requiere estudiar las técnicas en uso”, com este exemplo podemos brevemente entender como se representava o trabalho LGBTQIAP+ na época e os reflexos, permanências e avanços da temática nos dias atuais.

Refletindo sobre o contexto da revista Lampião da Esquina, que surgiu em 1978 durante um período ditatorial no Brasil, é possível traçar paralelos com os desafios enfrentados atualmente na construção da memória das vivências LGBTQIAP+ brasileiras. Mesmo em um estado democrático, o tratamento das questões de gênero e sexualidade continua a ser desafiador, exigindo atenção para as desigualdades e invisibilidades históricas que ainda marcam a experiência dessas comunidades. Em 1978, o trabalho formal no Brasil começava a abrir espaços para populações homossexuais masculinas, mas sempre com o limite de ocultar suas orientações sexuais, como demonstrado nas páginas da revista. Esse silenciamento e a repressão às identidades não conformes refletem um persistente desafio de reconhecimento e valorização das histórias e vivências LGBTQIAP+, que permanecem marginalizadas na memória coletiva.

Assim, a revista Lampião da Esquina não apenas registrou essa luta, mas também ajudou a construir um registro histórico essencial para a preservação da memória dessas experiências, alertando para a continuidade das questões sociais e políticas que envolvem a expressão da diversidade sexual e de gênero no Brasil.

Destarte, a problemática relacionada ao trabalho registrada em 1978 em Lampião da Esquina parece se repetir de maneiras diferentes atualmente: segundo estudo feito pela Elancers, em uma pesquisa realizada com recrutadores de 10 mil empresas no ano de 2019, quase 20% deles responderam que não contrataria um homossexual assumido para determinados cargos.

Em entrevista à Folha de Pernambuco, Natasha Rios, mulher trans, explica: “quando conseguimos fazer a seleção, o fato de a gente ser o que é, eles não nos empregam. E quando entramos, até a utilização do banheiro é motivo para dificultar a permanência” (RIOS, 2019, n.p.). E Karla Dias, outra entrevistada, reforça: “quando entregava a documentação com o nome masculino e eles viam que minha aparência é feminina, automaticamente diziam que a vaga foi preenchida” (DIAS, 2019, n.p.).

Notadamente, destaco que, historicamente e ainda hoje o trato das sexualidades brasileiras no que diz respeito ao trabalho é relacionado a um lugar de criminalização e anormalidade, sendo estes indivíduos, constantemente atrelados a subempregos, como a prostituição, o tráfico e, muitas vezes, a cadeia, a demissões espontâneas, perseguições, violências físicas e verbais.

Em um esforço interpretativo acerca de uma revista que rememora o histórico de lutas, perseguições, desafios e sobrevivência de corpos LGBTQIA+ no período da ditadura militar, podemos compreender é necessário investigar técnicas em uso em períodos históricos, e não como algo puramente instrumental, mas que expresse o papel social que desempenham. No caso de Lampião, é um material que reforça como a história tradicional trata de marginalizar e ignorar sexualidades dissidentes. O desafio vai desde a preservação de registros, como as atuais tentativas de fechamento e boicote ao Museu da Diversidade Sexual de São Paulo – onde se encontram os originais de Lampião da Esquina, quanto à própria área dos estudos de gênero na Historiografia, que ainda carece de maior atenção às temáticas LGBTQIAP+, em que é possível perceber maior enfoque a referencial bibliográfico para estudos relacionados a mulheres e trabalho.

CONSIDERAÇÕES

A história das técnicas, ao longo do tempo, frequentemente esteve a serviço de esconder, controlar e regular as sexualidades, especialmente em períodos autoritários, como o da ditadura civil-militar no Brasil. No caso da revista Lampião da Esquina, observa-se uma abordagem oposta: ao expor e confrontar o controle e a repressão sexual sofrida pela população LGBTQIAP+ durante o regime, a publicação surgiu como um espaço de resistência e afirmação identitária. Com o objetivo de viabilizar e legitimar as vivências LGBTQIAP+, a revista não apenas registrou as dificuldades enfrentadas por essa comunidade, mas também contribuiu para a construção de uma memória coletiva de luta e direitos.

A revista Lampião da Esquina se destaca como um importante espaço para o resgate da memória das vivências LGBTQIAP+ brasileiras, capturando experiências, sentimentos e resistências que não eram amplamente abordados pela grande mídia ou pela história oficial. Ao trazer à tona essas histórias marginalizadas, a publicação contribuiu para o fortalecimento da identidade coletiva dessa comunidade, promovendo uma reflexão crítica sobre o impacto da repressão social e política no reconhecimento e na preservação das memórias LGBTQIAP+. Infelizmente, mesmo com os avanços conquistados ao longo do tempo, muitos desses relatos ainda enfrentam desafios para serem amplamente reconhecidos e valorizados, o que torna o resgate histórico uma missão contínua para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa da diversidade sexual e de gênero.

REFERÊNCIAS

DIAS, Karla. **Os desafios dos LGBTI no mercado de trabalho.** [Entrevista concedida a] Guto Moraes. Samanta Oliveira. Folha de Pernambuco. Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/os-desafios-dos-lgbti-no-mercado-de-trabalho/113266>

EDGERTON, David. From innovation to use: ten eclectic theses on the history of technology. *History and Technology*, vol. 16 (1999), p. 1-26. In: https://workspace.imperial.ac.uk/humanities/Public/files/Edgerton%20Files/edgerton_annales_quadernos_nnovacion_uso.pdf. Versão em espanhol: https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/768/innovacion_uso.pdf

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 2ª Ed. São Paulo. Paz e Terra, 2015.

GARCIA, Gabriela. SCHULTZ, Leonardo. **O LAMPIÃO DA ESQUINA: DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO BRASIL NO FINAL DA DÉCADA DE 1970.** III Encontro Nacional de Estudos da Imagem., Londrina - PR. 2011.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003, 441p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edição experimental, nº 0, abr. 1978.

PRIORI, A., et al. **A Ditadura Militar e a violência contra os movimentos sociais, políticos e culturais.** In: História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 199-213. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-15.pdf>

RIOS, Natasha. **Os desafios dos LGBTI no mercado de trabalho.** [Entrevista concedida a] Guto Moraes. Samanta Oliveira. Folha de Pernambuco. Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/os-desafios-dos-lgbti-no-mercado-de-trabalho/113266>

Scott, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, 2017.

SIMÕES, A. C. Jr. **E havia um lampião na esquina.** Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. [Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social].

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOARES, Karen. **Sentidos da diversidade, narrativas de ruptura? As representações sociais LGBTs na comunicação organizacional.** Curitiba, 2017 (dissertação). Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/52802>